Livraria Manuel Ferreira: livros raros e clientes originais

Abriu as portas em 1959 na Rua Formosa, mas os aficionados do livro antigo sabem que, hoje, depois de mais de 90 catálogos de obras raras e esgotadas, é na Dr. Alves da Veiga que encontramos a Livraria Manuel Ferreira.

A antiga livraria é "responsável pela organização de uma centena de bibliotecas privadas para venda em Leilão", enriquecendo, assim, o panorama bibliográfico em Portugal, conta Herculano Ferreira, hoje o rosto de uma das maiores referências no universo alfarrabista em Portugal.

O negócio de família, onde trabalhou durante as férias, enquanto jovem, definiu-lhe o gosto pelos livros: "São eles que me possibilitam esta constante liberdade de aprender e de satisfazer a minha curiosidade", explica.

Mais originais do que alguns livros raros são mesmo os pedidos de alguns clientes. Uma vez, pediram-lhe um conjunto de livros com 18 cm de altura e uma encadernação específica: deveriam ser vermelhos, "da cor de um pequeno fio de lã que a senhora trazia na carteira para poderem condizer com a cor da alcatifa", termina, divertido.

Confissões de um biblioclasta #2

-Rui Lage-

Na crónica do mês passado prometi libercídios. Cumpro com o prometido. Quando tinha doze anos participei numa hecatombe: a incineração de livros no curral de certa casa de certa aldeia transmontana. O método: meio litro de gasolina e um fósforo. Os supliciados: algumas dezenas de cartilhas marxistas-leninistas de péssima qualidade intelectual, manuais de instruções para instituir ditaduras do proletariado e promover revoluções culturais à Mao. Tão maus que o próprio Marx os abjuraria. Exemplos: "Os kolkhozes: cooperativas agrícolas soviéticas" por M. Mymrikov, e o panfleto, não assinado, "A revolução cultural nos campos chineses". Esclarecidos? Que fazer com